

OSTERMANN, Ana Cristina & FONTANA, Beatriz (org.). *Linguagem. gênero. sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

Alexandre José Cadilhe

“Os estudos sobre linguagem e gênero, na realidade, demandam uma comunidade de prática acadêmica interdisciplinar. Indivíduos isolados que tentam abarcar os dois podem com frequência propiciar intervenções interessantes, mas um real avanço depende da reunião de pessoas de áreas variadas em torno de uma empreitada colaborativa para a construção de compreensões que tenham ampla base comum.”

Eckert & McConnel-Ginet ([1992]2010)

Como sujeitos que se constroem como mulheres e homens interagem em situações específicas? Que significados e efeitos de sentido essas interações podem ter nas práticas sociais contemporâneas? Como as relações de gênero e poder, em uma perspectiva não-essencialista, podem ser construídas quando há um encontro social entre participantes de diferentes sexos? Possibilidades de respostas a essas e outras questões são propostas pela coletânea de artigos produzidos por clássicos pesquisadores anglo-americanos, organizados pelas linguistas Ana Cristina Ostermann e Beatriz Fontana, e traduzidos por uma equipe de pesquisadoras e pesquisadores, incluindo as organizadoras, com tradicional inserção no campo de estudos de linguagem e gênero.

A obra retrata, em perspectiva macro e microsocial, as relações que são estabelecidas e construídas por sujeitos de diferentes gêneros em contextos de interação social – temática que tem se apresentado recorrente nas produções acadêmicas em estudos da linguagem no Brasil, principalmente a partir dos anos 90. Nestes últimos anos, algumas das produções foram apresentadas ao público através de coletâneas de artigos de pesquisadores brasileiros, com base em dados gerados em diversos contextos, incluindo a educação, a saúde e a justiça. Contudo, parte significativa do referencial utilizado em estudos nesta linha foi constituída por produções de origem anglo-americana. Uma das contribuições desta obra está em justamente trazer à leitora e ao leitor sete artigos que deram início e ainda influenciam a produção de analistas do discurso que se engajam nas investigações sobre gênero e identidade social.

O artigo introdutório da obra, produzido pelas organizadoras Ostermann e Fontana, busca situar a leitora e o leitor no contexto dos estudos sobre interação, sexualidade e gênero. As autoras apontam a possibilidade de três perspectivas teóricas sobre o tema: déficit, dominância e diferença. Na primeira, propõe-se que o estilo cunhado nas falas de mulheres seria inferior ao estilo dos homens. No segundo, e talvez em decorrência do primeiro,

imperava a ideia de que tal diferença viria, antes, do suposto status inferior da mulher em relação ao homem. Por fim, a perspectiva da diferença advém da ideia de que a diferença entre gêneros é uma questão de diferença cultural, devido a diferentes formas de socialização a qual homens e mulheres estão dispostos durante a infância. Esta última, ainda, pode correr o risco de mascarar as relações de poder que aí estão também presentes. As três perspectivas teóricas descritas pelas autoras são ilustradas pelos primeiros quatro artigos traduzidos na obra.

Contemporaneamente, outra perspectiva vem sendo cunhada pelas pesquisadoras e pesquisadores em linguagem e gênero: a da diversidade. Analisar a interação e o discurso, focando a construção social de gênero, significaria compreender a fala como uma prática situada em comunidades que podem ser diversas, o que ocasiona diferentes possibilidades de performances na construção das identidades sociais de gênero. Esta perspectiva é também ilustrada pelos últimos quatro artigos traduzidos na coletânea.

Os artigos que seguem compõem as traduções, e foram organizados cronologicamente, sendo o primeiro de 1975, e o último, de 1998. Tal organização não é aleatória: às leitoras e aos leitores que buscam uma introdução ao tema, a leitura cronológica pode ser indicada, dado que alguns artigos fazem referência entre si, e nem sempre em concordância, dadas as perspectivas teóricas descritas no penúltimo parágrafo.

O primeiro artigo traduzido, “Linguagem e lugar da mulher”, de Robin Lakoff (1975), é apontado como o estudo que inaugura a pesquisa sobre linguagem e gênero. A linguista americana, a partir de uma compreensão da relação entre gêneros feminino e masculino como uma relação de déficit, constrói dados a partir da sua própria fala, da de conhecidos e de dados da mídia. Em sua análise, busca compreender como se constrói a linguagem das mulheres, ainda que de modo generalizado – ou, em outros termos, o “falar como uma dama” – analisando itens lexicais, construções sintáticas e entoação presente nas falas de mulheres e homens. Lakoff conclui haver uma discrepância na fala entre homens e mulheres que se relacionariam também a diferenças nas posições sociais em que ambos se encontram. A autora ainda indica que “mudanças sociais geram mudanças linguísticas, e não o contrário” (p.29), e que tal diferenciação nos estilos das falas de homens e mulheres não pode ser negligenciada em contextos de ensino e aprendizagem de língua, pois tal discrepância leva a diferentes níveis de fluência.

O artigo seguinte, “O trabalho que as mulheres realizam nas interações”, de Pamela Fishman (1978), discute a relação hierárquica entre homens e mulheres, examinando a conversa diária de três casais heterossexuais, através de gravadores alocados em suas respectivas residências. Fishman, compreendendo poder

como “uma realização humana, situado na interação diária”, faz uso de categorias da análise da conversa, como proposto por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), para compreender as diferentes estratégias lançadas nas interações de modos diferentes entre homens e mulheres. Os modos de fazer perguntas, abrir uma conversa, responder e fazer afirmações constituem diferentes mecanismos que, com a análise dos dados, permitiram com que a linguista concluísse que as mulheres fazem uso de diferentes estratégias para executar a interação. Entre elas, fazem perguntas, abrem conversas (fazendo uso de expressões como “você sabia?”), respondem para “dar apoio”; contudo, são os homens que “controlam o que será produzido como realidade na interação” (p.47).

Seguindo a mesma perspectiva teórico-analítica – a Análise da Conversa – o terceiro artigo “Pequenos insultos: estudo sobre interrupções em conversas entre pessoas desconhecidas e de diferentes sexos” (1987), de Candace West e Don H. Zimmerman, focaliza como a relação de poder é construída em contextos de fala através do mecanismo de “interrupção”. Os autores comparam dados de um estudo anterior, em contexto naturalístico, com os de um contexto não naturalístico, através da conversa entre pessoas que não se conheciam, de diferentes sexos, em um laboratório de linguagem, onde as conversas foram gravadas. Os resultados, em ambos os contextos, apontam a prática de os homens interromperem as mulheres em suas falas, em uma frequência muito maior do que o oposto – o que vai de encontro a uma pressuposição estereotipada que as mulheres “não deixam os homens falar”. Concluem as autoras que tal prática constitui um modo de “fazer” poder nas interações face a face, num reflexo da relação assimétrica entre homens e mulheres, em diferentes contextos interacionais, conforme os tipos de dados analisados.

Em uma mesma linha teórica de análise, mas com diferente interpretação, Deborah Tannen, no quarto artigo – “Quem está interrompendo? Questões de dominação e controle” (1990) – propõe uma releitura sobre a interrupção na fala em interação entre sujeitos de diferentes gêneros. A autora analisa diferentes eventos de fala, como um encontro de crianças ou um jantar de dois homens e uma mulher (a própria linguista), e propõe uma leitura de que, na interação, diferentes estilos podem ser utilizados. Como exemplos, Tannen apresenta dois: estilo de alta consideração – marcado, por exemplo, pelas poucas intromissões do interlocutor, de modo a preservar a participação do outro – e estilo de alto envolvimento, marcado pela participação incisiva, de modo a indicar um grau de interesse na conversa. Tais estilos podem compreender diferentes estratégias, como a sobreposição de vozes. Contudo, o efeito desta a partir das relações entre os participantes é que incidirá diferentes estilos. Tannen conclui, então, diferentemente de West e Zimmerman, que são os estilos que definem as interrupções, e não as sobreposições de fala, pois

estas podem ter diferentes efeitos, dependendo da relação e do encontro entre os participantes. Em suma, seria uma diferença cultural – ainda que a autora não problematize tal diferença.

O quinto artigo, “Comunidades de Práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder” (1992), de Penelope Eckert e Sally McConnel-Ginet, apresenta uma reflexão de cunho teórico sobre o tipo de pesquisa produzida sobre gêneros. As autoras criticam as excessivas abstrações que alguns estudos fazem a respeito de gêneros, desconsiderando outras identidades sociais. Uma possibilidade de não cair neste risco seria justamente pensar “praticamente” e observar “localmente”: em outros termos, ao estudar as relações de gêneros, deveria se levar em consideração a “comunidade de prática” em que tais relações são construídas. Comunidade de prática, conceito cunhado por Lave e Wenger (1991), refere-se a “um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento em comum” (p.102). Partindo do pressuposto de que as comunidades de práticas são múltiplas, tornam-se múltiplos também os modos de construção das relações de gênero. E finalizam as autoras apontando a necessidade da constituição de uma comunidade de prática acadêmica interdisciplinar que se engaje, em conjunto, ainda que com posicionamentos diversos, sobre os diferentes modos de se construir ou pesquisar linguagem e gênero.

O penúltimo artigo, “‘É uma menina’: a volta da performatividade à linguística” (1997), de Ana Livia e Kira Hall, também de cunho teórico, discute perspectivas linguísticas, com foco na contribuição de Searle, e a Teoria *Queer*, a partir de Butler, para a construção da perspectiva de “performatividade de gênero”, “afastando-nos da construção social da sexualidade para nos direcionarmos à construção discursiva de gênero” (p.121). Livia e Hall salientam a função e a força que os atos de falas tem ao serem enunciados, e que a performatividade constituiria um elemento fundamental para compreensão da construção do gênero, ainda por levar em consideração o contexto de convenções culturais em que é enunciado para que seja ratificado pelos participantes, constituindo um “performativo feliz”, para usar um termo de Searle (1969).

Por fim, Deborah Cameron, com o artigo “Desempenhando identidade de gênero: conversa entre rapazes e construção da masculinidade heterossexual” (1998), fecha o ciclo de traduções, apontando uma perspectiva que se alinha a estudos contemporâneos sobre linguagem e gênero. A linguista parte, assim como Livia e Hall, do conceito de performatividade de gênero, compreendendo que “‘feminino’ e ‘masculino’ não são características que nós *possuímos*, mas efeitos que produzimos por meio de coisas específicas que *fazemos*” (p.131, grifos da autora). Assim, a construção da identidade de gênero passa a ser uma prática que precisa ser constantemente reafirmada e publicamente exibida, através

de ações específicas em grupos culturais situados. As estratégias e mecanismos para isso, por sua vez, podem variar em relação ao grupo e aos objetivos. A autora exemplifica com a análise da fala-em-interação de um grupo de rapazes universitários, que se constroem como heterossexuais, e fazem isso através da fala cooperativa por meio da “fofoca”, estilo atribuído de forma estereotipada a mulheres. Contudo, isso ocorreu em um evento específico – um encontro informal na residência dos participantes, enquanto assistiam a um jogo de basquete na televisão. A autora aponta que, provavelmente, os participantes fariam uso de outras estratégias que não a fofoca para reforçar sua heterossexualidade, quando num encontro público e com suas namoradas. Contudo, essa análise indica, de antemão, que seria inútil considerar determinados modos de falar como naturalmente masculinos e femininos, pois se trata de diferentes performances que podem corresponder – e também subverter – a padrões culturais específicos.

A coletânea de artigos, portanto, é bastante diversificada: as autoras e os autores apresentam diferentes perspectivas de compreensão de gêneros e lançam diferentes estratégias para defenderem seus posicionamentos. A obra também é de interesse a estudiosas e estudiosos da linguagem em geral, ainda que não contemplem, em seus objetos, questões de gênero. Os artigos que analisam dados ilustram diferentes categorias dos estudos da fala-em-interação, a partir de metodologias etnográficas ou experimentais; os de cunho teórico, por sua vez, desenvolvem conceitos também de grande valia aos que analisam o discurso de modo situado, como o de “comunidade de práticas”, “atos de fala”, “performativos.” Além disso, sua significativa contribuição está também em alinhar diferentes produções em uma coletânea bem traduzida e acessível à leitora e ao leitor, de diferentes níveis e especialidades. Tal passo constitui-se fundamental para a construção de uma comunidade de prática acadêmica efetiva, como proposto por Eckert e McConnel-Ginet em seu artigo. O acesso desta obra a diferentes pesquisadoras e pesquisadores de diferentes áreas poderá proporcionar a estudiosas e estudiosos sobre linguagem, gênero e sexualidade no Brasil uma maior possibilidade de diálogo a partir de fundamentos em comum; ou, ainda que sejam diferentes em suas escolhas conceituais e metodológicas, que o diálogo seja construído com um reconhecimento da tradição e legitimidade dos estudos de seus parceiros.

Às organizadoras e às tradutoras e tradutores, fica a expectativa do público leitor de uma continuidade com a tradução de outros artigos contemporâneos, bem como a produção de pesquisas que possibilitem vislumbrar a construção de uma comunidade de prática acadêmica de forma interdisciplinar.